

REESTRUTURAÇÃO EM UMA EMPRESA PÚBLICA: O OLHAR DO SINDICATO

Maria Chalfin Coutinho¹
Letícia Just Guerra²

RESUMEN

Las relaciones de trabajo han pasado por profundos cambios en las últimas décadas. En Brasil se observó, particularmente a partir de los años 90 del siglo XX, el desarrollo de una serie de estrategias que buscarían, supuestamente, la superación de la crisis económica. Dentro de estas estrategias se destaca un amplio programa de reforma del Estado, promoviendo programas de reducción de personal y privatización de empresas estatales, con profundas repercusiones para la sociedad y, en particular, para los trabajadores involucrados. En este contexto, fue desarrollada una investigación acerca de las experiencias de ex trabajadores de una empresa estatal del sector eléctrico que pasó por diferentes procesos de reestructuración: reducción de personal, fusión y privatización parcial. El foco de la primera etapa de la investigación fue la perspectiva del sindicato de los trabajadores eléctricos. El material fue recolectado a través de entrevistas semi-estructuradas con cuatro sindicalistas. Las entrevistas fueron transcritas y se realizó un análisis de contenido, lo que permitió establecer las siguientes categorías de análisis: el papel del sindicato, la relación del sindicato con los trabajadores, reducción de personal, fusión, privatización y las experiencias. Se constató que el sindicato participó activamente de estos procesos buscando defender los derechos de los trabajadores y siempre manteniendo una posición contraria a las diferentes estrategias de reestructuración implementadas que, a pesar de la lucha, no consiguieron impedir. Se reveló así un debilitamiento del poder sindical, compatible con la llamada "crisis del sindicalismo". Otro aspecto que también fue bastante destacado por los entrevistados, se refiere a las experiencias de intenso sufrimiento psicológico de todos los trabajadores involucrados, incluyendo a los sindicalistas.

RESUMO

As relações de trabalho vêm passando por mudanças profundas nas últimas décadas. No Brasil observou-se, particularmente a partir dos anos 90 do século XX, o desenvolvimento de uma série de estratégias que visariam, em tese, a superação da crise econômica. Entre essas estratégias destaca-se um amplo programa de reforma do Estado, impulsionando programas de enxugamento e privatização de empresas estatais, com repercussões profundas para o conjunto da sociedade e, em particular, para os trabalhadores envolvidos. Dentro deste contexto, foi desenvolvida uma investigação sobre as vivências de ex-trabalhadores de uma empresa estatal do setor elétrico que passou por diferentes processos de reestruturação: enxugamentos, cisão e privatização parcial. Como primeira etapa

1 Professora do Departamento e do Programa de Pós Graduação em Psicologia - CFH/UFSC.

2 Aluna de graduação em Psicologia – bolsista PIBIC/UFSC/CNPq – 2003/2004.

desta pesquisa foi investigada a perspectiva do sindicato dos eletricitários a respeito. O material foi coletado através de entrevistas semi-estruturadas com quatro sindicalistas. As entrevistas foram transcritas e fez-se uma análise de seu conteúdo, o que permitiu estabelecer as seguintes categorias de análise: o papel do sindicato, relação do sindicato com trabalhadores, enxugamento, cisão, privatização e vivências. Constatou-se que o sindicato participou ativamente do processo, buscando defender os direitos dos trabalhadores e mantendo um posicionamento sempre contrário às diferentes estratégias de reestruturação implementadas, que não puderam impedir, apesar da luta. Revelou-se, assim, um enfraquecimento do poder sindical, compatível com a chamada "crise do sindicalismo". Outro aspecto que também foi bastante ressaltado pelos entrevistados diz respeito às vivências de intenso sofrimento psicológico de todos os trabalhadores envolvidos, incluindo os sindicalistas.

ABSTRACT

The work relations are passing for deep changes in the last decades. In Brazil, it was observed, particularly from years 90 of century XX, the development of a series of strategies that, in thesis, would aim at the overcoming of the economic crisis. Among these strategies was set an ample program of reform of the State, stimulating layoffs and privatization of state-owned companies, with deep repercussions for the society and, in particular, for the workers. Inside of this context, was developed an inquiry on the experiences of former-workers of a state-owned company of the electric sector that passed for different processes of reorganization: layoffs, splitting and partial privatization. At a first stage of this research was investigated the perspective of the Union. Material was collected through half-structured interviews with four unionists. The interviews had been transcribed and analyzed its content, what allowed establishing the following categories of analysis: paper of the union, relation of the union with workers, layoffs, splitting, privatization and experiences. Was evidenced that the union participated actively of process, searching to defend the rights of the workers and keeping always position contrary to the different strategies of reorganization implemented, that they had not been able to hinder, despite the fight. That discloses the weakness of the unionist power, compatible with the "crisis of unionism". The interviewed ones related experiences of intense psychological suffering of all workers involved, including the unionists.

PALABRAS CLAVE: Reestruturação, sindicato, experiências.

PALAVRAS CHAVE: Reestruturação, sindicato, vivências.

KEY WORDS: Restructuring, trade union, experiences.

INTRODUÇÃO

As relações de trabalho vêm passando por mudanças profundas nas últimas décadas. No Brasil observou-se, particularmente a partir dos anos 90 do século XX, o desenvolvimento de uma série de estratégias que visariam, em tese, a superação da crise econômica. Entre essas estratégias destaca-se um amplo programa de reforma do Estado, decorrente de uma política neoliberal, imposta por organismos financeiros internacionais, impulsionando programas de enxugamento e privatização de empresas estatais, com repercussões profundas para

o conjunto da sociedade e, em particular, para os trabalhadores envolvidos.

Dentro do contexto acima descrito, foi desenvolvida uma investigação sobre as vivências de trabalhadores egressos de uma empresa estatal do setor elétrico que passou por diferentes processos de reestruturação: enxugamentos, cisão e privatização parcial.

Trata-se da primeira empresa estatal federal brasileira do setor elétrico a aderir aos programas de enxugamento, cisão e privatização parcial. Essa empresa, fundada em 1968, tem sua sede em Florianópolis³ e passou por um intenso processo de

3 Florianópolis é capital do estado de Santa Catarina, localizado na região sul do Brasil.

enxugamento durante os anos 90, implicando na forte redução de seu quadro de funcionários. Tal processo culminou, em 1997, com a cisão em duas empresas: uma responsável por atividades de transmissão e outra pela geração de energia, sendo que a última foi privatizada em 1998.

Como primeira etapa da pesquisa foi investigada a perspectiva do sindicato dos eletricitários a respeito. O material foi coletado através de entrevistas semi-estruturadas com quatro sindicalistas⁴. As entrevistas foram transcritas e fez-se uma análise de seu conteúdo (Bardin, 1994).

Considera-se relevante fazer uma análise da posição dos sindicalistas sobre o processo como importante para essa pesquisa, haja vista seu papel como representantes da categoria, bem como seu forte envolvimento nos acontecimentos ocorridos.

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E MOVIMENTO SINDICAL.

Diversos estudos no campo das ciências humanas analisam as transformações porque passam as relações de trabalho, a partir dos anos 70 do século XX. Diante de um quadro de queda nas taxas de lucratividade, emerge a chamada reestruturação produtiva:

Em um cenário semiovente de economia altamente competitiva, as empresas buscaram se reestruturar para enfrentar tempos novos e instáveis. Essa reestruturação teve lastro na chamada revolução microeletrônica, mas também, e em alguns casos mais fortemente, em novas formas de organização da produção. Como se disse, no *mundo enxuto*, produzir-se-ia mais, e melhor, com menos gente. (Ramalho e Santana, 2003, p.11).

Entre as conseqüências das estratégias de reestruturação implementadas é possível destacar o crescimento do desemprego e das formas precárias de trabalho. Assim sendo, a classe trabalhadora vai assumindo novas configurações, incorporando não só o proletariado fabril, mas a totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho, incluindo:

(...) também aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário, como o enorme leque de trabalhadores precarizados, terceirizados, fabris e de serviços, *part time*, que se caracteriza pelo vínculo de trabalho temporário, em expansão no mundo produtivo. Deve incluir também o proletariado rural, os chamados bóias-frias das regiões agroindustriais, além, naturalmente, da totalidade dos trabalhadores desempregados que se constituem nesse monumental exército industrial de reserva (Antunes, 2003, p. 218/219).

Quando se analisa a intensa reestruturação produtiva ocorrida nas últimas décadas, é importante destacar o papel do movimento sindical neste contexto. Observou-se neste período a tendência de diminuição das taxas de sindicalização, bem como a separação entre trabalhadores estáveis e precários, o que levou a forte redução do “(...) *poder dos sindicatos, historicamente vinculados aos primeiros e incapazes, até o presente, de incorporar os segmentos não estáveis da força de trabalho*” (Antunes, 1997, p. 79).

Apesar das dificuldades para enfrentar as conseqüências da reestruturação produtiva, não se pode negar o papel dos sindicatos na defesa do trabalhador, uma vez que:

(...) continuam sendo uma instância indispensável para o aperfeiçoamento das relações de produção, para a defesa dos interesses dos mais desfavorecidos na es-

4 A coleta de dados contou também com a participação da aluna de graduação em Psicologia da UFSC Simone F. dos Santos.

fera da produção e para a reconstrução do espírito de solidariedade e de igualdade que anima as iniciativas mais progressistas do ser humano (Cattani, 2002, p.293).

Neste sentido, é importante considerar algumas análises que apontam o refluxo do movimento sindical, mas não o consideram como um fim inexorável, mas como um recuo conjuntural e indicam a tendência, no início do século XXI, de crescimento de setores do movimento organizado dos trabalhadores, paralelamente ao refluxo de categorias tradicionalmente sindicalizadas (Boito Jr, 2003; Ramalho e Santana, 2003). Este tipo de análise busca compreender a chamada “crise do sindicalismo” e, a partir daí, apontar tendências e perspectivas.

As alternativas propostas variam, basicamente, entre as de cenários que enfatizam as mudanças nas atividades sindicais mais tradicionais de representação coletiva e aquelas que sugerem uma ampliação de atividades no sentido de incluir a representação de trabalhadores desempregados, ‘precarizados’ ou excluídos do núcleo central da produção até um ‘sindicalismo comunitário’... Isso, a nosso ver, resgataria em muito uma tradição que foi se enfraquecendo ao longo da história do movimento operário mundial, muito por conta de sua institucionalização (Ramalho e Santana, 2003, p. 28).

Sampaio (2001), em uma obra que analisa a perspectiva sindical sobre o processo de privatização ocorrido na empresa foco deste estudo, destaca o papel do sindicato na defesa dos interesses coletivos. A autora considera que este tentou responder a todas as questões impostas pela política neoliberal, dentre elas a privatização, as demissões e o arrocho salarial. Entretanto, teve dificuldades em enfrentar o programa de privatização implementado pela empresa. Os relatos dos sindicalistas, investigados no presente artigo, também apontam as dificuldades encontradas para enfrentar as estratégias de privatização da empresa.

VIVÊNCIAS SUBJETIVAS.

Os estudos sobre subjetividade e trabalho têm contribuído para a compreensão das relações sociais cotidianas dos atores inseridos em diferentes processos de trabalho e, em especial, têm buscado refletir sobre a vivência subjetiva dos trabalhadores diante das transformações do mundo do trabalho.

Neste estudo, considera-se que os trabalhadores vivenciam suas experiências a partir de especificidades que os constituem. O termo vivência refere-se à forma como os trabalhadores expressam suas experiências concretas, que “nem sempre variam no mesmo sentido das condições de trabalho”, visto que mesmo condições aparentemente bastante precárias “podem ser vivenciadas como uma possibilidade de demonstração de vigor e coragem por parte de outros trabalhadores” (Tittoni, 1994, p. 33).

No caso específico dos trabalhadores de empresas estatais brasileiras privatizadas ou que desenvolvem programas de enxugamento, já existem alguns estudos sobre as vivências subjetivas, como os de Lima (2000) e Segnini (2001), com empregados e ex-empregados de bancos estatais.

Ao analisar as trajetórias e as práticas sociais vivenciadas por homens e mulheres egressos de um banco estatal, que se encontravam em situação de desemprego ou emprego precário, Segnini (2001) retomou conceitos de Castel para definir a condição destes sujeitos. A autora considera que embora o mercado de trabalho brasileiro não tenha estabelecido uma situação de emprego formal com direitos generalizados, como aconteceu em países desenvolvidos, os setores estatais podem ser considerados como exceções, visto que seus empregados tiveram acesso a garantias e direitos sociais.

Segnini (2001) retoma o conceito de “desfiliação” de Castel, que corresponde “...ao processo de precarização social de trabalhadores que tiveram acesso a empregos

formais...” (p. 2), ou seja, participaram de uma sociedade salarial e que hoje “...estão vivenciando alto grau de vulnerabilidade social” (p.3). A autora investigou trabalhadores de bancos públicos, mas entende-se que também é possível considerar trabalhadores de outras empresas estatais, com programas de enxugamento de pessoal, como estando sujeitos à “desfiliação” e a “vulnerabilidade social”.

Os processos de reestruturação produtiva, desenvolvidos em países periféricos, podem ser associados a um quadro econômico recessivo. Seligmann-Silva (1994) desenvolveu uma série de pesquisas sobre as relações trabalho/saúde mental voltando seu foco de estudo para as condições econômicas que permitem ao trabalho existir. A autora denomina este campo de estudos de Psicopatologia da Recessão, já que investiga as implicações da crise econômica sobre a saúde mental de trabalhadores e de desempregados. O sofrimento psíquico dos que ainda estão empregados relaciona-se a dois conjuntos de aspectos: o primeiro refere-se à busca de maximização da produtividade pela empresa e que submete o trabalhador a determinadas condições de trabalho; o segundo refere-se às condições gerais de vida do trabalhador, devido ao arrocho salarial e à inflação. Na situação de crise outro elemento destacou-se como gerador de ansiedade: *o medo de perder o emprego*.

No Brasil, até 1980 os cortes de pessoal ocorriam inesperadamente, provocando choques emocionais profundos. Nos anos 80, os cortes eram precedidos por rumores, sobre quem estaria ou não na “lista”. Este período de rumores era marcado por diferentes manifestações psicossomáticas. Além dos sintomas, Seligmann-Silva (1994) chama a atenção para o reflexo do medo sobre as relações entre os colegas de trabalho, podendo levar ao rompimento de laços de companheirismo e confiança, acentuando o individualismo.

Estudos realizados por Caldas (2000^a, 2000^b) também têm investigado os efeitos dos cortes em massa de pessoal. Segundo o autor, além dos enxugamentos de pessoal não alcançarem o êxito esperado, eles podem trazer conseqüências negativas para a organização e para os trabalhadores remanescentes. Nosso estudo sugere que os sindicalistas envolvidos também são afetados pelas implicações dos programas de enxugamento.

A seguir serão apresentados os resultados levantados a partir da análise de conteúdo das entrevistas os quais foram organizados nas seguintes categorias: papel do sindicato, relação do sindicato com trabalhadores, enxugamento, cisão, privatização e vivências.

O OLHAR DOS SINDICALISTAS ENTREVISTADOS.

O papel do sindicato.

Dentre os relatos dos entrevistados fica claro o posicionamento do sindicato frente à privatização da empresa: *“Sempre contra. Sempre. Somos contra até hoje, independente de quem quer que seja, somos contra a privatização, radicalmente contra (E.1)”*.

Mantendo-se sempre fiéis a essa postura, a fala de um dos sindicalistas revela a luta travada na prática: *“(...) o pessoal do movimento sindical, o pessoal foi até lá em cima na ELÉTRICA (nome fictício), no terceiro andar na porta, abriram a porta e melaram a reunião. A reunião acabou não acontecendo e aí o pessoal saiu pelos corredores, os sindicalistas gritavam gritos de ordem ‘O eletricitário é meu amigo, mexeu com ele mexeu comigo!’ (...) (E.3)”*. Mobilizações como essa ocorriam com frequência mostrando a união e a força do movimento sindical na busca de seus objetivos – dentre eles impedir o andamento do processo de privatização.

Na luta contra a privatização surge a necessidade de apoio e ocorre a busca por aliados. Compartilhando do ideal de que a ‘união faz a força’ aparece um novo movimento: “(...) quando a gente fundou o MUCAP - Movimento Unificado Contra as Privatizações, (...) o que aconteceu para que a gente fundasse o MUCAP? Foi o entendimento daquilo que a gente sempre pregou a vida inteira, de que juntos somos fortes, de que um sindicato apenas (...) seria pouco diante da questão federal. Então a gente entendeu que formar o MUCAP seria uma união de forças de várias frentes de trabalhadores, de representação de trabalhadores, para causar um embate. (...) A gente não conseguiu impedir de verdade, mas a gente azucrinou bastante a cabeça desse pessoal (...) (E.1)”.

RELAÇÃO DO SINDICATO COM TRABALHADORES.

Um abalo na relação sindicato-trabalhador aconteceu “numa fase logo depois daquele processo de cassação mesmo, de demissão, havia casos em que as pessoas evitavam se encontrar com os sindicalistas mesmo fora da empresa. Porque ninguém queria aparecer nada com o sindicato (E.1)”. Nesse relato fica claro que os trabalhadores temiam que o contato com os sindicalistas pudesse motivar suas demissões.

Nos momentos de crise, quando os trabalhadores iam até o sindicato para assinar as homologações, receberam um apoio dos colegas sindicalistas, sensibilizados e dispostos a ajudar: “As pessoas entravam nessa sala aqui e tinha gente que saía chorando, teve gente que a gente teve que chamar a ambulância porque tava passando mal. Tivemos que, como dirigentes sindicais, passar a ser um confessor, um missionário, um enfermeiro (E.4)”.

Já o contato com os trabalhadores egressos “é um contato esporádico. Porque tiveram que tratar da vida deles. Não importa o trauma que eles sofreram na

ELÉTRICA, eles tinham a vida deles para ser tocada adiante. Tinham que dar conta de uma série de situações: (...) se adaptar a esse outro emprego, se adaptar a um outro salário (...) E nós também, o sindicato tem que tocar também, é comum ficarem pessoas, nós vamos ter que continuar reivindicando, vamos ter que continuar lutando (E.4)”.

Ao mesmo tempo em que os trabalhadores tiveram que levar a vida adiante depois de saírem da empresa, o sindicato também precisou seguir em frente. Fica a idéia de que apesar de tanta luta, quando a guerra está perdida é preciso se conformar e “tocar a vida”. Além disso, “o sindicato trata muito de trabalhador, e o trabalhador é quem tá empregado, tá na ativa (...) (E.4)”. Os trabalhadores egressos, então, já não fazem mais parte da população atendida pelo sindicato. Alguns deles, ainda mantêm contato em função de ações trabalhistas em andamento que os obrigam a freqüentar o sindicato.

ENXUGAMENTO

Na visão dos entrevistados, os PDIs (Planos de Demissão Incentivada) fizeram parte de uma estratégia da empresa para alcançar a redução do quadro de funcionários com o objetivo de privatizar: “Porque uma empresa privada não queria 5 mil funcionários, ela achava que 3 mil era suficiente. E como é que você faz isso sem trauma? Vamos botar 2 mil, mil pessoas na rua, provoca um rolo do diabo. Então como é que eu faço para as coisas irem sendo amenizadas, cooptando, digamos assim, a cabeça do trabalhador? Fazendo programas de demissão onde ele receba uma indenização (E.4)”.

Um dos entrevistados percebe sutilezas na atuação da administração da empresa: “Faziam aqueles programas de (...) Você abre suas gavetas, tem tantas coisas que a gente acumula dentro das gavetas da gente, ‘não precisa, vou jogar fora’. Aí vem um programa da empresa, e você realmente: ‘ah

não, tem muita parafernália lá dentro...’, bonito, legal. E, no entanto, o que estava se fazendo era trazendo pra um processo de raciocínio, mas eu vou me libertar das coisas que eu tenho. Me libertar, e me libertar também de gente que eu não quero. E foi se enxugando a ELÉTRICA (E.4)”.

Dentro do processo de enxugamento tem papel de destaque a questão das listas de demissão: “Essas listas foram umas coisas horrorosas (...). Como listas assim feitas pela inquisição, feitas pelos nazistas, feitas pelos comunistas na União Soviética. Aquelas listas que as pessoas sabiam e diziam: ‘Você tá na lista’. Uma lista que não era mostrada, mas que diziam: ‘Você tá na lista’ (...) era uma coisa horrorosa, desesperadora, sabe? (E.2)”. O desgaste dos trabalhadores durante esse processo ocorreu em razão desse clima de mistério, de incerteza com relação ao seu futuro.

Nesse contexto a influência política se destaca: “Alguns trabalhadores entraram através de indicações políticas, não por mérito ou conhecimento, por experiência, nada disso. Desses, praticamente a maioria ficou. Esse processo foi muito ruim, essa injustiça (E.2)”. Da mesma forma que esses trabalhadores entraram na empresa por influência política, caso seus nomes aparecessem na lista “os deputados tiravam da lista e tinha que enfiar outro (...) (E.4)”. Assim, evidencia-se que os critérios políticos utilizados eram percebidos como injustos.

CISÃO

O próximo passo dado em direção à privatização foi a cisão da empresa em duas: uma responsável pela transmissão e outra pela geração de energia. Na fala dos entrevistados aparece a cisão como imposta pela administração “(...) onde se dividiu em 1700 pessoas pra cada lado e dividiu quem bem eles entendessem! Não perguntaram pra você se você queria trabalhar na geração ou não (...) Qualquer outro cargo, que não

seja aquele de manutenção/operação que é característico, você teria opção. Não teve. Ninguém teve a não ser eles lá em cima, na cúpula (E.4)”.

A empresa foi cindida em duas, mas, durante um certo tempo, ambas continuaram funcionando no mesmo prédio: “Ficou um grupo (...) do outro. Tem as varandas internas, tem um hall no centro e tem as varandas. Essas varandas foram interceptadas, botaram biombos. Quer dizer, do lado de cá são os condenados, o pessoal da GERADORA (nome fictício) e aqui são os sobreviventes (...) (E.2)”. Para os sindicalistas a separação não foi apenas espacial, mas dividiu os trabalhadores em dois tipos: os “sobreviventes”, que permaneceram na estatal e, portanto, teriam melhor sorte; e os “condenados”, que foram para a empresa futuramente privatizada.

PRIVATIZAÇÃO

A empresa passou por diferentes processos de reestruturação: enxugamento, cisão e privatização parcial. Todos esses processos, no entanto, foram vistos pelos entrevistados como fazendo parte de um só. Sabia-se desde o início que o objetivo final era a privatização: “A gente sabia qual era a intenção: era enxugar, partir e vender (...) (E.4)”.

Os relatos dos entrevistados revelam uma capacidade de analisar os fatos ocorridos dentro da empresa como fazendo parte de uma esfera maior, englobando fatores políticos e econômicos nacionais e internacionais. Tal análise é evidenciada na fala de um dos entrevistados: “(...) nesse momento de neoliberalismo onde querem tanto cortar qualquer tipo de história, porque aí fica tudo descartável. Se você não tem história, você não tem raiz. Aí fica descartável. Hoje é, inclusive até as relações, as pessoas ficam, né. É uma coisa, sabe, você pode privatizar, você pode ficar desempregado, você pode ficar tudo porque você não tem

história, não tem raiz, e com isso acaba cortando muitos valores, valores muito fortes que a gente tem, de solidariedade e tudo mais (E.3)”.

VIVÊNCIAS

Um dos aspectos mais marcantes na fala de todos os entrevistados diz respeito ao medo que os trabalhadores demitidos sentiam diante da perspectiva de se colocarem novamente frente um mercado de trabalho competitivo, sabendo das dificuldades que encontrariam pelo fato de estar em idade avançada e ter passado uma boa parte, quando não toda a sua vida laboral, dentro da empresa. O desespero de algumas pessoas fica evidente nesse relato: *“(...) as pessoas que só tiveram aquele emprego, que tinham certeza que iam ficar até o final, essas se desmantelaram inteiras. ‘Ah, eu fui pra Tchecoslováquia, eu sou especialista em turbina, e pra onde é que eu vou agora senhor presidente?. Eu tô com vinte anos aqui, especialista em turbina, formado na ELÉTRICA, onde é que eu vou arranjar emprego, sustentar a minha família?’ (E.2)”.* Outro entrevistado diz o seguinte: *“a gente sentiu que os trabalhadores estavam muito inseguros, muito intranquilos, muito apreensivos, porque emprego é difícil de achar e naquela época já era assim (E.4)”.*

Um clima tenso de medos e incertezas foi criado também na época dos enxugamentos, quando surgiam boatos sobre os nomes que estavam nas listas de demissão. Um entrevistado relata que *“(...) você não sabia quem tava, de repente o chefe de departamento chamava, é um, é outro. Então era um sentimento horrível, porque ao mesmo tempo que você ficava aliviado porque tinha sido você e não eu, então eu vou segurar meu emprego, mas você era meu companheiro do lado, e você vai ser demitido. Então era uma confusão de sentimentos, de alívio, e de dor, de tristeza, de alegria de alguma maneira, e foi muito*

triste. E a pressão foi tão grande, tão grande, tipo se você não pega um incentivo, e aí você sai com um troquinho a mais, você vai ser demitido de qualquer jeito. E as pessoas acabavam pedindo demissão (E.3)”.

É a partir daí que surgem inimizades, intrigas, fofocas: *“(...) ‘quem lhe denunciou foi fulano’. Às vezes não tinha nem sido, mas o colega dizia: ‘Quem lhe denunciou, quem lhe botou na lista foi fulano’. Ai você ia procurar o fulano: ‘Não, eu não fiz nada disso’. Pois olha, como é que eu vou saber se foi ele mesmo? (E.2)”.* O mesmo entrevistado fala sobre o clima na empresa: *“(...) de desconfiança, de concorrência, de se aproximar mais da chefia, um negócio horrível (...) Semearam a desconfiança, a inimizade, arrebentaram com os laços de intimidade que nós tínhamos, o lazer (...) E as pessoas foram se separando e ficaram separadas até hoje. Por isso que eu digo: não acabou não (E.2)”.*

Com os laços de amizade enfraquecidos e as relações abaladas por intrigas e desconfianças, os trabalhadores se defrontam com mais uma etapa da reestruturação da empresa: a cisão. Surge então mais angústia e indecisão *“porque pairava que talvez fosse melhor ir pra geração, fosse melhor ficar na estatal (E.4)”.* Diante da impossibilidade de decidirem sobre seus futuros, os trabalhadores eram meros espectadores ansiosos aguardando pelas decisões da administração.

A empresa foi cindida e as pessoas continuaram trabalhando no mesmo prédio, mas em empresas diferentes. A fala de um dos entrevistados revela as dificuldades desse período: *“(...) as pessoas se detestavam, as pessoas se agrediam; o pessoal da ELÉTRICA e o pessoal da GERADORA. Não se falavam, se agrediam fisicamente, verbalmente, botaram inclusive armários bloqueando as duas alas (E.2)”.* Depois de feita a cisão *“começou a ficar um clima bem acirrado e ruim dentro da própria empresa (E.3)”.*

Hoje, cada empresa funciona em um local, mas "(...) acho que ainda existe um clima assim. Acho que o pessoal, principalmente da empresa privatizada, nem gosta de falar muito disso, não gosta de falar da ELÉTRICA. Eu tenho a impressão que, porque se conversar sobre isso, vai viver esse processo. E começa a questionar várias coisas (E.3)". As pessoas preferem negar o que aconteceu, pois pensar a respeito provoca emoções, questionamentos e inseguranças. Assim, para continuar vivendo e enfrentando seus problemas, os trabalhadores acabam por negar as vivências que tiveram na empresa. No entanto, isso não significa que não estejam, ainda hoje, profundamente marcados por elas.

Os sindicalistas entrevistados, apesar de nem todos terem vivido o dia-a-dia da empresa na época dos processos ocorridos, se envolveram de várias formas e também sofreram com tudo o que ocorreu. Isso fica evidente na fala de um dos entrevistados quando questionado sobre como vivenciou o processo de privatização da empresa: "*Foi um dos momentos mais horrorosos na minha vida, pra dizer uma palavra bem simples. Não somente por minha causa, mas por causa de todos. Do clima que se viveu, do contexto, da empresa (...). Aquela coisa trágica mesmo (E.2)*". O mesmo entrevistado fala sobre as mudanças que ocorreram nele mesmo depois dessas vivências: "*(...) houve assim quase uma espécie de reestruturação psicológica, emocional. Tive que me adaptar àquele novo contexto e foi uma coisa assim tão demorada que eu acredito que mexeu nas minhas estruturas psicológicas. Já não penso mais sobre certos assuntos ligados a isso como pensava antes, e não reajo emocionalmente como antes daquele momento (E.2)*".

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

As tendências de refluxo do movimento sindical, apontadas por diversos autores (Antunes, 2003; Boito Jr, 2003; Ramalho e

Santana, 2003), ficaram evidenciadas neste estudo, no qual foi possível observar, em uma esfera micro, como os programas de reestruturação afetam o cotidiano das relações laborais.

Constatou-se que o sindicato participou ativamente do processo, mantendo um posicionamento sempre contrário aos enxugamentos, cisão e privatização parcial, buscando defender os direitos dos trabalhadores. Ainda que parte da empresa tenha permanecido como estatal, os entrevistados revelam as dificuldades encontradas para sustar o processo de privatização.

Apesar das diversas estratégias de enfrentamento utilizadas foi possível observar o enfraquecimento do poder sindical, compatível com a chamada "crise do sindicalismo", caracterizado pelo refluxo do movimento sindical tradicional. No caso específico do sindicato investigado esta crise é evidenciada pela forte diminuição do número de sindicalizados, como decorrência das dificuldades em continuar agregando trabalhadores desligados da empresa. Neste sentido, concordamos com autores que apontam como alternativa para os sindicatos a incorporação de parcelas precárias da classe trabalhadora (Antunes, 1997 e 2003; Ramalho e Santana, 2003).

Diante disso, entende-se que mantendo o foco apenas sobre os trabalhadores - no caso desse estudo, os eletricitários - de empresas públicas ou privadas que possuem um vínculo empregatício estabelecido, o sindicato corre o risco de perder sua visibilidade e função. O atual cenário impõe que o sindicalismo lute também pelos trabalhadores precários, pois essa parcela cada vez maior da população trabalhista continua sem assistência e amparo não somente do governo, mas do próprio sindicato.

Um aspecto que também foi bastante ressaltado diz respeito às vivências de intenso sofrimento psicológico de todos os trabalhadores envolvidos, inclusive dos

próprios sindicalistas. Sentimentos de maior vulnerabilidade diante das mudanças, tal como foi apontado por Segnini (2001), e mesmo de impotência, apesar dos esforços empreendidos. Estes sentimentos foram revelados pelos entrevistados, que vivenciaram um clima de medo e insegurança, fortemente marcado pelas listas, boatos e quebra de laços afetivos, caracterizando o que Lima (2000) descreve como um clima de terrorismo.

Segundo Seligmann-Silva (1994), em

situações de forte crise econômica, o medo de perder o emprego é um elemento gerador de ansiedade. Em seus estudos sobre a Psicopatologia da Recessão, a autora investiga as implicações da crise econômica para a saúde mental de trabalhadores e de desempregados, o sofrimento vivenciado pelos sindicalistas evidencia que também estes foram afetados pelo contexto de crise econômica. Neste sentido, considera-se relevante sugerir novos estudos no campo da saúde mental e trabalho junto a sindicalistas.

Referências

- Antunes, R. (1997). Trabalho, reestruturação produtiva e algumas repercussões no sindicalismo brasileiro. In: antunes, R. (org.). *Neoliberalismo, Trabalho e Sindicatos*. São Paulo: Boitempo,
- Antunes, R. (2003). A nova morfologia do trabalho e o desenho multifacetado da ação coletiva. In: Santana, M.A. e Ramalho, José R. (org.). *Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social*. São Paulo: Boitempo.
- Bardin, L. (1994). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Boito Jr., A. (2003). A crise do sindicalismo. In: Santana, M.A. e Ramalho, José R. (org.). *Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social*. São Paulo: Boitempo.
- Caldas, M. P. (2000). *Demissão: causas, efeitos e alternativas para empresa e indivíduo*. São Paulo: Atlas,
- Caldas, M. P. (2000). Enxugamento de Pessoal no Brasil: podem-se atenuar seus efeitos em empresa e indivíduo. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 40, n. 1, p. 29-41, jan/mar.
- Cattani, A. D. (2002). Sindicatos-Sindicalismo. In: Cattani, A. D. (2002). (org.). *Dicionário Crítico Sobre Trabalho e Tecnologia*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- Lima, M. E. (2000). A. Violência e Reestruturação Bancária – o Caso do Banco do Brasil. *Saúde Mental e Trabalho*. n. 1, p. 26-41. Ago.
- Santana, M. A. e Ramalho, J. R. (2003). Trabalhadores, sindicatos e a nova questão social. In: Santana, M.A. e Ramalho, J. R. (org.). *Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- Sampaio, M. M. (2001). *Da Privatização ao Apagão*. Florianópolis: Insular, 2001.
- Segnini, L. R. (2001). Entre o desemprego e a engrenagem do emprego precário. In: 4º Encontro Regional de Estudos do Trabalho da ABET, Porto Alegre (RS). *Anais...* Porto Alegre: Softwares, 2001, (CD-ROM).
- Seligmann-silva, E. (1994). *Desgaste Mental no Trabalho Dominado*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Cortez Editora.
- Tittoni, J. (1994). *Subjetividade e trabalho: a experiência no trabalho e sua expressão na vida fora do trabalho*. Porto Alegre: Ortiz.